

UNIT – UNIVERSIDADE TIRADENTES
PROEAD – PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO – LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS
POLO – MONTE ALEGRE DE SERGIPE

A IDENTIDADE FEMININA NO ROMANCE “OS CORUMBAS”

Claudevania Farias de Almeida
Rosa Teixeira da Silva Barboza
Orientadora: Daniela Santos Souza

Monte Alegre de Sergipe - SE

Março / 2009

A IDENTIDADE FEMININA NO ROMANCE “OS CORUMBAS”

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a identidade feminina no romance “Os Corumbas”, do escritor Amando Fontes, (1933). O qual narra a história de uma família que emigra de uma cidade do interior para a capital, Aracaju. Composta por sete pessoas Sá Josefa e seu Geraldo, protagonistas, e os filhos Rosenda, Albertina, Pedro, Bela e Caçulinha, todos prestavam serviços ao Engenho Ribeira, situado no município de Capela – SE, onde pousaram por dezessete anos.

O trabalho enfoca, principalmente, o papel da mulher na sociedade, ou seja, como era o seu cotidiano, especificamente na década de 30, com o crescimento da Indústria Têxtil em Sergipe, onde as operárias eram o braço forte, a exemplo de Rosenda e Albertina, que trabalhavam para ajudar a sustentar a família. Do outro lado tinha o irmão que também ajudava, mas logo se envolve no anarquismo enfrentando as lutas operárias, é preso, depois de um certo tempo viaja para o Rio de Janeiro e mantém contato com a família apenas por correspondência.

Além da baixa do açúcar, a situação da seca também foi outro fator que contribuiu para expulsar “Os Corumbas” do campo a habitar no meio urbano. Sá Josefa vendo a situação se agravar teve a idéia de se mudarem para a capital. Ela tinha um irmão que já trabalhava numa das fábricas este, garantiu emprego para as sobrinhas mais velhas. Em sua maioria os trabalhadores do tecido eram mulheres: donzelas, casadas, prostitutas, velhas, moças, crianças que ainda madrugada caminhavam todo o Bairro Santo Antônio e a Rua da Estrada Nova em direção a Têxtil.

Diariamente enfrentando tais dificuldades às mulheres se sentiam revoltadas com as condições de trabalho. Consideravam a fábrica como um “inferno”, onde havia muitos acidentes e a proliferação de doenças. Porém para suprir as necessidades da família nas primeiras décadas do século XX, elas tinham que aderir a essa oportunidade de emprego. Sofriam desigualdades na remuneração e qualificação profissional, sendo orientadas apenas para tarefas mais fáceis como pintura em tecido, atendimento ao público, vendas e outras. Não tinham autonomia... Só os homens exerciam cargos de chefia.

A mulher também tinha que andar de forma irrepreensível para não ser mal falada; se alguma perdesse a virgindade sem se casar, era chamada de “mulher perdida” e em pouco tempo todo mundo ficava sabendo. Com isso, a família sofria muita repreensão e vergonha por parte da sociedade. Naquela época o que mais deixava as mulheres tristes, é que elas não tinham liberdade para se divertir e o maior sonho dos seus pais era fazer o casamento.

“Que fosse um esmoler. Queriam apenas vê-las casadas. Que depois com os seus maridos fossem obrigadas a lidar por todo o dia, sofressem as mais duras privações... Nada disso importava: casadas, elas seriam gente! Ninguém fugiria ao seu convívio: ninguém as olharia de través... E não se lhes dariam nunca os nomes, sobretudo infamantes, de “rapariga” e “mulher dama”! (FONTES, Amando 1999, p. 59).

Por serem muito preservadas, “as raparigas”, a que conseguia um namorado passava anos noivas para então se casar. Às vezes por questões financeiras ficavam aguardando a safra, mas tinham que aderir ao matrimônio. A família “Os Corumbas” vivia sempre na mesmice, Sá Josefa com os afazeres domésticos e seus bordados, seu Geraldo e os filhos mais velhos nas fábricas. Mesmo assim a renda era insuficiente para o consumo da casa, constantemente reclamavam das vestes e da alimentação. “Trabalhar que nem formiga e viver assim

esmolambada... É assim! A gente se mata como burro e depois só tem direito a café com bolachão, a carne-seca com farinha”... (FONTE, Amando. 1999 p.16 - 17).

Para trabalhar, Rosenda e Albertina precisaram abandonar a escola e as mais novas ainda estudavam. Bela muito doente sofria de tuberculose e Caçulinha a mais inteligente, sonhara muito com a profissão de professora, essa era a esperança dos velhos. Mas assim como as outras irmãs, também tiveram que largar os estudos para ingressar nas fábricas.

Não foi muito tempo a tuberculosa chegou a óbito e a outra conseguiu trabalhar no escritório de uma das fábricas. Rosenda como já se aproximara aos 30, conheceu um rapaz que trabalhava como cabo em um posto policial e também era músico. Desaprovado pelos pais, namorava as escondidas, até que um dia resolveu sair de casa e não voltou mais, havia fugido com o namorado para Simão Dias, devido à transferência do local de trabalho. Para “Os Corumbas” foi um horror! Pois quando uma moça se perdia acabava a alegria da família, como se o mundo também fosse acabar.

“Fugiu, a descarada! Nem se lembrou do mal que isso vai trazer pras outras! É bem capaz de ter fugido só pra se vingar de mim, que não queria que ela casasse com o tal tipo! Ah! coisa ruim, sem coração! Não sabe o que padece a pobre de uma mãe!...É esse, é esse o pago que filho dá pra gente! Veja só, Senhor meu Deus, pra essa vergonha! Com que cara a gente vai andar na rua, agora? Uma filha se fazer mulher perdida!... Nunca pensei que Deus me desse esse castigo!... (FONTE, Amando, 1999. p 52).

Ainda no enfermo de Bela, Albertina sai à procura do Dr. Fontoura a fim de solicitar uma visita, ele quando a viu achou uma tentação e aproveitava os momentos das visitas para conquistá-la. Ela não resistiu a lábia, os presentes... E se tornou namorada do doutor. Quem percebia aconselhava a moça a desistir, porque havia muitas críticas contra esse rapaz como a fama de namorador, e aproveitador. Sem querer dar ouvidos aos comentários e aos conselhos da

família, Albertina aceita todos os convites do médico e sempre que encerrava o expediente na Têxtil aguardava-o feliz. Para os pais o namoro de Albertina foi uma surpresa, enquanto para a sociedade foi um escândalo.

Quando uma “moça do tecido” namorava um doutor, ninguém olhava com boas intenções... “É uma falta de vergonha! Finge que vai para casa e larga-se com o macho, de automóvel. Não dou mais nada por ela. Não vale um dez-réis furado...” (FONTE, Amando, p. 113). Mesmo com tantas críticas e os castigos de Sá Josefa, quem estava apaixonada sempre arranjava um jeitinho para encontrar o namorado, chegava até enganar dizendo que ia à casa de uma amiga... Ainda que desconfiasse das palavras do namorado, mas com esperança de ter uma vida melhor fugia deixando a família aflita sem dar notícia.

A filha mais nova, na expectativa de conquistar um futuro melhor conhece o sargento Zeca. E assim como as irmãs mais velhas, acredita no romantismo masculino e noiva com o objetivo de se casar. Na oportunidade em que sai sozinha para fazer algumas compras, encontra com o noivo que a convida para ir conhecer a sua residência e acaba perdendo o que há de mais precioso, a virgindade. Os comentários surgiam rapidamente e chegavam a implicar no trabalho... Tinha como consequência a demissão do emprego.

Atormentada, a moça chorava bastante se queixando ao namorado sobre a situação que se deparava, vivia em prantos implorando agilidade no casamento. Intuitivamente notara diferença em seu companheiro e desesperadamente se deprimia muito mais. “Isso não pode mais continuar por essa forma. Eu já não como, não durmo... nem sei, mesmo o que faço. Você precisa

tomar uma resolução definitiva. Se a gente não apressa esse casamento, tenho certeza que morro ou endoideço de uma vez”. (FONTE, Amando, 1999, p. 146).

A beleza das filhas de Sá Josefa chamava atenção de todos. Se dependesse da velha nenhuma ficaria tarde da noite fora de casa, Sá Josefa costumava castiga-las e dizia que a mudança para a capital as deixou com mais liberdade. De todos os acontecimentos existentes, o mais difícil de se aceitar foi o processo como ocorria o casamento das moças, todas seguiam o mesmo caminho.

Em pouco tempo, abandonadas pelos esposos, iam ser prostitutas como um meio de sobrevivência. Quando os pais sabiam de notícias, diziam que essa situação na qual a família se encontrava fazia parte da sina, só Deus podia mudar. Sá Josefa com sua garra de mulher lutadora sempre arranjando idéias para melhorar a vida ficou sozinha com seu esposo, enquanto os filhos desgarrados pelo mundo. Depois que a velha faz uma breve visita a Caçulinha que convive com um homem casado, ela e o esposo cheios de angústias e o “coração partido” resolveram retornar a sua terra natal e deixam a capital onde habitaram por seis anos.

Analisando a identidade feminina que o escritor Amando Fontes destaca no romance “Os Corumbas”, é importante ressaltar que apesar da evolução da humanidade, atualmente em algumas famílias ainda são percebidos tais acontecimentos. Mas nas últimas décadas minimizou um pouco à exploração da mulher na área profissional, no entanto, ainda continua nas atividades domésticas e sexuais.

Mesmo depois de um século a mulher não se libertou completamente da marca de cuidar da casa e das crianças, ora se prostituir em alguns casos para se manter, mas com muita resistência percebe-se que ela vem ocupando o seu espaço no meio social com mais dignidade. Isso significa que as desigualdades sociais com relação à mulher vêm se extinguindo, uma vez que os nossos governantes estão ouvindo com mais atenção as reivindicações referentes aos direitos sociais das pessoas do sexo feminino, sobretudo das mulheres que compõem o nível mais baixo da sociedade.

RESUMO:

A **família**, considerada como a maior instituição e também a base de tudo, onde há a primeira educação e conseqüentemente a formação moral dos filhos. É através do seu apoio que o ser humano se sente mais estruturado psicologicamente. Mesmo com a falta de recursos financeiros, é capaz de vencer os obstáculos ou se conformar com a vida como representa o romance “Os Corumbas” do escritor Amando Fontes.

A **mulher** é a principal figura na família. As maiores responsabilidades estão sempre em seu poder. Antigamente ela era reconhecida apenas como dona de casa, não podia trabalhar fora, só nos afazeres domésticos e cuidar das crianças, não tinha direito a estudar e nem servir a democracia. De acordo às relações de gênero há várias décadas percebe-se que essa ótica vem se modificando e a mulher sempre conquistando o seu profissionalismo assim como os homens... Que seja em cargos de chefia ou em outros.

Naquela época o maior sonho das famílias como “Os Corumbas”, além do ganho nas fábricas: Companhia Sergipana de Fiação e Empresa Têxtil do Norte, era a realização do **casamento** das filhas. Muito preservadas o primeiro namorado que conheciam fugiam. Uma vez que uma moça perdesse a **virgindade** perdia também a honra da família e até mesmo o emprego. Quando esse fato acontecia as moças eram consideradas “mulheres perdidas”... Conseqüentemente abandonadas pelos esposos iam morar em prostíbulos para sobreviver.

Porém nos dias atuais a maior preocupação de muitas mulheres está mais voltada para a formação e a profissão. Ou seja, a conquista da sua estabilidade. O que significa que o casamento está um pouco em segundo plano. Embora depois que conseguem a independência que sejam casadas ou solteiras também têm a liberdade de construir a sua família.

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste: e outras artes.** Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, gênero, cidadania: tradição e modernidade.** São Cristóvão: Editora UFS, Aracaju, Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

DE DECCA, Edgard. **O nascimento das fábricas.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FONTE, Amando. **Os Corumbas** – 23. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

PENA, Valeria Junho. **Mulheres e trabalhadoras: Presença feminina na construção do sistema fabril.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Revista da Fapese, n. 2, p. 7-24, jul./dez, 2005.